

Rotina rígida dos Centros de Material e Esterilização previne infecção hospitalar

Imprescindíveis para a prevenção de infecção hospitalar, os Centros de Material e Esterilização (CME) do INCA são as áreas de apoio técnico que dão suporte para quase todos os setores dos hospitais e que processam roupas, instrumentais e materiais de suporte ventilatório. A rotina de testes diários inclui a inspeção, o preparo e a esterilização das peças, além da verificação da qualidade da água e das condições climáticas ideais para o armazenamento adequado dos objetos. É uma assistência essencial para que os pacientes recebam tratamento seguro e procedimentos livres de contaminação.

Com a pandemia, as equipes adotaram estratégias ainda mais rígidas para evitar a infecção acidental pelo vírus da Covid-19. Entre outras ações, o CME do HC I estipulou dois horários fixos para o recebimento de material contaminado pelo coronavírus, em contêiner fechado e identificado, a fim de minimizar a exposição ocupacional. Além disso, a limpeza manual foi substituída pela automatizada, seguida pelo processo de termodesinfecção.

“A Comissão de Controle de Infecção Hospitalar foi uma grande parceira no processo de treinamento dos profissionais, o que proporcionou maior segurança nas novas rotinas implementadas no CME”, explicou Sérgio de Jesus, enfermeiro responsável pelo setor na unidade.

Protocolos de segurança contra a Covid-19

No HC II, foram feitas simulações realísticas de possíveis cenários que poderiam ser enfrentados ao longo da pandemia, e novos protocolos asseguraram a qualidade no processamento de materiais. A força de trabalho também teve aulas específicas sobre os cuidados necessários com a paramentação e a desparamentação para o



Thaís Falcão (segunda à direita) com alguns integrantes do CME do HC II: segurança dos profissionais e padrão dos processos de esterilização



Sérgio de Jesus (centro), com parte da equipe do CME do HC I, destaca treinamento reforçado e novas estratégias de limpeza na pandemia

manuseio de peças e objetos contaminados. Já os maqueiros aprenderam a melhor forma de transportar as peças de forma segura.

Segundo as enfermeiras Thaís Falcão e Lilia Pedrada, responsáveis pelo CME da unidade, a preocupação foi constante, porque o trabalho da equipe repercute em todos os pacientes e setores do hospital. “Nossa exposição ao vírus é cotidiana. A preocupação foi, sobretudo, garantir a segurança dos profissionais e manter o padrão dos processos de esterilização”, afirmou Thaís.



Carolina Mendonça (quarta à direita), com profissionais do CME do HC III: setor ainda mais coeso para garantir controle da Covid-19

Assim como os outros CMEs, o do HC III passou por atualização para a recepção e tratamento dos materiais contaminados, em alinhamento com as diretrizes dos órgãos de saúde e as recomendações sanitárias. A enfermeira Carolina Mendonça, responsável pelo setor, conta que a utilização correta dos equipamentos de proteção individual e a automatização dos processos de limpeza e desinfecção foram os maiores aliados contra o adoecimento dos profissionais.

A área registrou demanda alta desde o início da pandemia, quando diversos setores da unidade incorporaram novas rotinas de segurança e precisaram de mais apoio. “Nossa mão de obra é especializada. Nessa fase, a equipe ficou mais coesa e mais cuidadosa, diante das incertezas e dos temores naturais do momento vivido, além de perceber de forma mais clara sua responsabilidade e importância na engrenagem hospitalar, no controle da infecção pela Covid-19”, analisou Carolina.